



## ETNODESENVOLVIMENTO EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE CANGUÇU E PELOTAS

**Jorge Luiz da Silva Nascimento**

*Universidade La Salle*

**Cleusa Maria Gomes Graebin (Co-orientador)**

**Maria de Lourdes Borges (Orientador)**

### **Propósito Central do Trabalho**

O propósito central deste trabalho envolve discutir sobre o etnodesenvolvimento em Comunidades Remanescentes de Quilombos (CRQs), especialmente as do Sul do estado do Rio Grande do Sul, tendo como foco aquelas que se localizam em Pelotas e Canguçu.

### **Marco Teórico**

O marco teórico embasa-se em Pollak (1992), Gondar (2005) e Sá (2007). Ao realizar um trabalho de memória com os integrantes das CRQs é preciso ter presente, como indica Pollak (1992), que a memória não é apenas eletiva, mas define limites e exalta fatos. Disso decorre que a memória, individual ou coletiva, remete-se a fatos vividos, a experiências narradas, a discursos institucionalizados e a lembranças vividas por tabela (POLLAK, 1992). Para Gondar (2005) a memória é uma construção. Não porque possa ser arbitrariamente definida por cada pessoa, mas porque necessita desses temas, valores e marcos para se materializar. Constrói-se a memória pelas questões que um dado ser humano faz no presente e que dependem desses rastros do passado para serem respondidas. Diante disso, pode-se dizer que a memória social das comunidades de Canguçu e Pelotas são atravessadas pela memória cultural e as matrizes dos povos de origem africanas. Como a organização das CRQs é baseada em uma estrutura social e familiar existente na África, supõe-se que essa transposição foi feita por meio das memórias culturais, transmitidas de geração a geração (SÁ, 2007). As comunidades quilombolas utilizam as suas terras para sua reprodução social, tematizando memórias coletivas e culturais. Assim, mantêm-se vivas as práticas culturais que evidenciam a ancestralidade negra do grupo. É disso tudo que se trata memória. Sua marca identitária inscreve-se nas significações de uma memória familiar ou institucional, por exemplo em que operam marcos e que organizam a experiência de um passado.

### **Método de Investigação**

O método de investigação será de caráter qualitativo, centrando-se na pedagogia dialógica de Paulo Freire, onde será utilizada a metodologia da História Oral, por meio de entrevistas de histórias de vida com membros das CRQs, produzindo narrativas e histórias pessoais e coletivas que possam vir no auxílio da autonomia desses sujeitos históricos. Também, a partir das narrativas, explora-se e/ou recupera-se saberes e fazeres ancestrais, assim como aqueles produzidos na própria comunidade, articulando com contribuições exógenas a fim da produção de sustentabilidade, na perspectiva do etnodesenvolvimento. O etnodesenvolvimento envolve



o desenvolvimento econômico e da etnicidade de um grupo social, o qual parte do pressuposto que o desenvolvimento da etnicidade prescinde de um avanço no plano econômico, portanto ocupando um lugar de uma 'alternativa' econômica ao fomentar, junto aos coletivos, mudanças nas suas práticas econômicas e sociais (LITTLE, 2002).

#### **Referências**

GONDAR, J. Quatro Proposições sobre Memória Social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. O que é memória social. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

LITTLE, P. Etnodesenvolvimento local: autonomia cultural na era do neoliberalismo global. Tellus, ano 2, n. 3, p. 33-52, out. 2002.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

SÁ, C. P. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 20, n. 2, p. 289-294, 2007.